

METODOLOGIA PARA A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

Letícia Amaral de Jesus¹
Pollyany Pereira Martins²

RESUMO

O artigo traz abordagens referente aos meios e condições pelos quais a leitura e escrita devem compor-se de forma eficaz enquanto elementos essenciais do processo de alfabetização de crianças em anos iniciais. Tendo como questão da pesquisa a seguinte problemática: Quais as contribuições e as implicações do processo de aquisição de leitura e escrita nos anos iniciais? E como objetivo geral compreender como se dá o processo de alfabetização nos anos iniciais a partir dos fatores de escolaridade Ler e Escrever. A metodologia utilizada como fonte de pesquisa foi de cunho bibliográfico, básica, descritiva e estudos qualitativos. As reflexões se deram a partir dos pensamentos dos autores: Almeida (2011) Brasil (2017); Carvalho (2010); Ferreira (2011); Freire (1999); Moll (2009); Teberosky (2001); Soares (2004). Evidencia-se que a aquisição da leitura e escrita nos anos iniciais é um processo que começa desde a Educação Infantil e vai se estendendo gradativamente no sentido de acompanhar a evolução cognitiva de cada aluno; no âmbito de prepará-los conforme o tempo e capacidades individuais para uma aprendizagem progressiva que se dá numa sequência de fases/anos posteriores. No entanto, é crucial que a alfabetização com leitura e escrita seja correspondida na idade certa entre oito e nove anos. É um processo pelo qual deve-se fazer uso de vários métodos e apostar novos modelos que de fato promova de modo eficaz o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita; pois, entende-se que são duas categorias de aprendizagens cruciais que influenciam de forma direta na aquisição de outras aprendizagens. Sobretudo, tornar mais lúdicas e mais dinâmicas o ato de ler e escrever é fundamental, principalmente a partir de agora, onde a tecnologia possibilita explorar uma diversidade de recursos digitais em prol de um aprendizado interativo, colaborativo e personalizado.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Leitura. Escrita. Aprendizagem eficiente.

ABSTRACT

This study brings an approach referring to the means and terms that reading and writing consist of in an effective way as essential elements to the children's literacy process in its early years. This research questions the following issue: "What are the contributions and implications of the literacy process in the early years of education?" and aims to comprehend how the literacy process works in this period stem from the schooling elements Reading and Writing. This research has a basic, explanatory bibliographical nature and it was also made by qualitative studies. All the considerations were made based on the theory of these authors: Almeida (2011) Brasil (2017); Carvalho (2010); Ferreira (2011); Freire (1999); Moll (2009); Teberosky (2001); Soares (2004). It was concluded that the acquisition of the reading and writing abilities in the early years is a process that begins in preschool and keeps on going gradually towards the cognitive progress of each student in a way of preparing them for ,as their individual capacities' time, for a progressive learning process that happens in the following years. However, it is crucial that the literacy process happens at the correct age, between eight and nine years old. It's a process which must be made by using different methodologies and by betting on new models that indeed foster the reading and writing learning and teaching process; since, it is understood that these are the two crucial learning categories which influence directly on the acquisition of the other learning processes. Above all, making the reading and writing routine more playful and dynamic is substantial, mostly now when the technology makes exploring a variety of digital resources possible so they can be used on behalf of an interactive, collaborative and customized learning process.

KEYWORDS: Literacy; Reading; Writing; Efficient learning.

1 Graduada em Tecnologia em Agronegócios pelo Instituto Federal Goiano (IF Goiano), Iporá-GO; graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal Goiano – IF Goiano. E-mail: letyamaral116@gmail.com

2 Professora formadora do curso de Pedagogia do Instituto Federal Goiano (IF Goiano), Iporá-GO; doutoranda em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB); E-mail: martinsgeo@yahoo.com.br



1. INTRODUÇÃO

O processo de leitura e escrita é interligado e, ao mesmo tempo, indissociável. A alfabetização é realizada através da aquisição da escrita e o domínio das habilidades de leitura e escrita no decorrer do cursar das séries da Educação Básica, cuja ênfase maior se dá nos anos iniciais do Ensino Fundamental, estendendo-se até o último ano do ensino básico.

Entender como se dá o processo ensino-aprendizagem, e certas dificuldades existentes por alguns professores em conseguir que seus alunos de uma maneira total, ou seja, todo um quantitativo de uma sala de aula, aprendam prazerosamente a ler e escrever, só será possível através da análise das concepções metodológicas que cada um possui. Dessa maneira, o estudo apresentando neste texto teve como objetivo geral compreender como se dá o processo de alfabetização nas series iniciais a partir dos fatores de escolaridade ler e escrever. O qual buscou identificar a existência de métodos que apresente eficácia sobre um maior quantitativo de alunos que consigam atingir a capacidade de ler e escrever.

Para isso, foi preciso buscar nos estudos desenvolvidos por teóricos da educação, sobretudo, aqueles que tratam sobre concepções dos educadores envolvidos diretamente no processo de ensinar a ler e escrever nos anos iniciais do Ensino Fundamental respeitando-se as diferentes maneiras de aprendizagens dos alunos. Essa importância é observada em Oliveira (2007) quando o estudioso sinaliza a importância de que sejam trazidas para a sala de aula, atividades que ocasionam nos alunos, confrontos, levando os alunos a mobilizarem seus conhecimentos e experiências, o que possibilita ir avançando para um nível mais elevado em seu aprendizado.

A escolha do tema deve-se pela necessidade reflexiva e pela inquietação da autora em buscar mais conhecimento a respeito da prática de leitura e escrita no âmbito do ensino infantil, e, através da revisão bibliográfica poder compartilhar e apresentar argumentações por meio deste texto, aos demais profissionais que estão ou estarão em sala de aula na função de conduzir o processo de letramento. Também, pela possibilidade de angariar auxílio às práticas futuras enquanto profissional na área docente e para a execução de um trabalho adequado em sala de aula; sendo necessário, para isto, atingir a dimensão da pesquisa.

O trabalho desenvolvido é de natureza básica, com pesquisa exploratória. O procedimento metodológico de pesquisa pauta-se por revisão de literatura, através de pesquisas bibliográficas realizadas em: periódicos, livros, artigos, revistas. Tratando-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, com embasamento teórico em alguns autores como: Almeida (2011)



Brasil (2017); Carvalho (2010); Ferreiro (2011); Freire (1999); Moll (2009); Teberosky (2001); Soares (2004). As teorias discutidas nesse artigo vão ao encontro de diversas teses que mostram a importância da leitura e escrita para a formação de alunos em séries iniciais.

Para tanto, é importante ressaltar que a leitura, no que diz respeito aos anos iniciais, se trata antes de tudo, de um objetivo de ensino e, para se constituir também um objetivo de aprendizagem, é necessário que este tenha sentido do ponto de vista do aluno. A dificuldade de leitura e escrita vivenciadas no cotidiano da sala de aula é sem dúvida, um tema de extrema importância, pois aprender a buscar uma metodologia adequada para superação das dificuldades encontradas no desenvolvimento da leitura e da escrita, facilitará o processo ensino-aprendizagem. É válido ressaltar que uma escola só se torna real quando de fato consegue entender seus problemas, suas angústias e suas dificuldades.

Ensinar as crianças a ler e escrever não é uma tarefa fácil. Diante do processo de alfabetização quais seriam os principais motivos pelos quais alguns alunos de anos iniciais demonstram muitas dificuldades ou mesmo, não conseguem aprender a leitura e escrita? A partir da questão que problematiza esse estudo, outras indagações surgem no sentido de entender se a escolha do método e de recursos metodológicos pode influenciar diretamente na diferenciação quanto ao nível de aprendizagem de leitura e escrita.

As capacidades cognitivas específicas de o fator ler e escrever podem estar muito associadas aos meios e aplicação metodológica adotada para que durante o processo os resultados sejam significativos ou, em contrapartida, apresente número considerável de crianças com perfeitas condições cognitivas que não aprendem no tempo/idade ideal. É certo que outras questões paralelas, principalmente no quesito acompanhamento e estrutura familiar são muito influentes na alfabetização e durante todo o caminho de escolaridade do aluno. Mas, neste estudo a pretensão é buscar compreender as defasagens no processo de aprendizagem para lê-lo e escrever. Haja vista que, boa parte dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental acredita que o ensino da leitura e escrita tem grande importância na formação de seus alunos, mas não conseguem justificar com clareza o seu ponto de vista.

O texto está organizado em três subtítulos onde o primeiro traz uma reflexão sobre a alfabetização como processo fundamental de aprendizagem da leitura e da escrita, que alicerça as diversas aprendizagens que virão subsequentemente em séries posteriores; o segundo traz uma abordagem sobre o processo de alfabetização tendo como eixo direcionador a compreensão da leitura e da escrita como ações sociais; e no terceiro, é apresentado a partir dos resultados



identificados nos referenciais teóricos selecionados, procedimentos e estratégias de ensino utilizadas recentemente nas séries iniciais os quais tem apresentado resultados positivos.

2. ALFABETIZAÇÃO ENQUANTO PRINCÍPIO DA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

A alfabetização enquanto aprendizagem essencial ao desenvolvimento do aluno(a) em seu processo de aprendizagem escolar, é compreendida como uma fase na qual o aluno(a) adquire o sistema alfabético de escrita. Numa perspectiva conceitual:

A alfabetização é um ato criador, no qual o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Segundo o autor a alfabetização compreende o entendimento do que se lê e se escreve. É comunicar-se graficamente, implicando não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas desvinculada (FREIRE, 1983, p. 22).

Nesse processo, duas aprendizagens se relacionam - a leitura e a escrita, que, apesar de ocorrerem de forma simultânea, envolve habilidades diferentes que unificadas possibilita a usabilidade destes atos em distintas práticas sociais. Ler e escrever são práticas de fundamental importância para os alunos, que, a partir desse processo, poderão construir o próprio conhecimento e se situarem no contexto no qual está inserido. A partir do momento em que o indivíduo adquire essa compreensão, utilizará essa condição em benefício do próprio crescimento e estará preparado para novas mudanças que, de fato, terão significados no dia a dia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, trazem um conceito de leitura que a define como:

[...] um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características dos gêneros, do portador, do sistema de escrita, não se tratam simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão, na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura (PCN, 1998, p. 53).

Segundo Freire (2002, p. 58) “Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem”. Ler e aprender, é compreender, é produzir sentidos. Para tanto se faz necessário que o aluno tenha a capacidade de ler as entrelinhas, do que está exposto em seus olhos todos os dias, e ter em mente, que o homem não é um ser



programável, mas um ser inteligente, reflexivo e crítico, que precisa ouvir e entender a realidade da qual faz parte para poder agir e interagir (FOUCAMBERT, 1994).

Sabemos que a escrita é um meio de comunicação, e a escrita de uma criança só tornará esse meio de comunicação se o outro conseguir entender e compreender o que ela escreveu, se o outro não compreender e não entender, então, significa que ela ainda não conseguiu se comunicar pela escrita.

Na verdade, essa fase da construção da escrita para a criança, é um grande desafio, e ao mesmo tempo um problema, porque é difícil ela entender que a letra sozinha não possui nenhum significado e que só terá ao se junta com outra letra, e que essa letra pode fazer parte de outras palavras escritas ao serem postas em outras ordens.

De acordo com Martins (1982, p. 65):

A aprendizagem da escrita não é uma tarefa simples para a criança, já requer um processo complexo de construção em que suas idéias nem sempre coincide com as dos adultos. Para ler bem é preciso escrever bem. É um exercício constante, requer estímulo, requer conhecer o limite de casa um e imprescindivelmente dar sentido ao que está sendo proposto. A sala de aula é um ambiente de troca da qual o professor ensina e é ensinado. (MARTINS, 1982, p. 65).

Enfim, para escrever, é necessário além de conhecer e compreender as letras, saber coordenar as ideias, coordenar a mão, a mente e os olhos, compreender que para escrever é preciso prestar atenção na parte sonora, na escrita como um todo. E, ler, está aquém de simplesmente reconhecer ou a decodificar palavras, ler, é um ato que envolve uma dinâmica cognitiva que requer habilidade e competência para o ato, pois, implica também o ato de interpretar, de problematizar, de compreender nas entrelinhas.

De acordo com Brasil (2007, p. 87) “Do ponto de vista escolar, espera-se que a criança de seis anos possa ser iniciada no processo formal de alfabetização, visto que possui condições de compreender e sistematizar determinados conhecimentos.” Quanto a isso, entende-se que a complexidade da alfabetização e letramento no início da escolarização, portanto, “é importante lembrar que a maioria das crianças necessita de mais de duzentos dias letivos para consolidar essas aprendizagens em conjunto com outras áreas do conhecimento estabelecidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental” (BRASIL, 2009, p. 27).

De modo que:

O primeiro ano do ensino fundamental de nove anos não se destina exclusivamente à alfabetização mesmo sendo o primeiro ano uma possibilidade para qualificar o ensino e a aprendizagem dos conteúdos de alfabetização e do letramento, não devem ser priorizadas essas aprendizagens como se fosse a única forma de promover o



desenvolvimento das crianças dessa faixa etária. É importante que o trabalho pedagógico implementado possibilite o aluno o desenvolvimento das diversas expressões e o acesso ao conhecimento nas suas diversas áreas (BRASIL, 2004, p. 09).

Diante das discussões apresentadas, percebe-se importante destacar a Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, no Art. 30, quando afirma que, os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar:

- I - a alfabetização e o letramento;
- II - o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, da Ciência, da História e da Geografia;
- III - a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro (BRASIL, 2010, p. 08).

Cabe à escola, a maior parcela de responsabilidade de formar cidadãos críticos e capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, criando situações interativas e conscientizadora junto a essa sociedade para que venha auxiliá-la na execução de tal tarefa; para isso, deverão desenvolver como objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais. Promover um ensino voltado para a integração que leve o aluno a compreender a reciprocidade dos objetivos, dos conceitos, dos conteúdos, da metodologia, das finalidades e as formas de organizar e sistematizar o conhecimento científico.

Compete assim aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, exercer um grande fascínio sobre seus alunos. Sabe-se como é marcante a presença do professor(a), cabendo a ele um papel muito importante frente aos seus educandos. Deve considerar que, cada aluno(a) traz para a sala de aula uma riqueza de conhecimentos que, se partilhados e trabalhados com sabedoria, somam benefícios para todos os agentes que participam desse processo. Ainda em referência ao papel do professor(a), Freire (2005, p. 45) assim se expressa: “Quando entro em sala de aula, devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento”.

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos e educadores vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado. Freire (2002, p. 29) afirma que “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, cabe aos professores continuar pesquisando para que seu ensino seja propício ao debate e a novos questionamentos. Deve fazer parte da prática dos professores a preocupação com a qualidade, o planejamento, a avaliação e as metodologias adotadas em todo o processo, já que:

[...] a aprendizagem da leitura e escrita é um processo complexo que envolve vários sistemas (habilidades linguísticas, perceptuais, motoras e cognitivas) e não se pode esperar, portanto, que seja determinado um único fator com o responsável pela dificuldade para aprender. [...] (MARTINS, 1982, p. 23).

Na aprendizagem da leitura e da escrita, os alunos necessitam de metodologias diversificadas, didáticas pertinentes às suas necessidades de aprendizagem, recursos específicos que auxiliem no processo educacional. É importante ressaltar que cabe aos professores avaliar seu aluno e discernir qual prática deverá utilizar, considerando sempre a forma como o aluno aprende, valorizando suas habilidades, conhecimentos prévios e seu papel de sujeito da ação no processo de ensino aprendizagem.

Reconhecendo a importância de se debater acerca das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, é relevante apresentar alguns direcionamentos significativos voltados ao estímulo da capacidade do aluno no caminho da aprendizagem, que em muito se relaciona com a abordagem didático-pedagógica e metodológica adotada pelo professor(a) no processo de alfabetização.

A despeito das abordagens metodológicas que vieram se fazendo presente dentro das salas para alfabetizar os alunos no Brasil, inicialmente, por volta dos anos de 1875, o ensino era paupérrimo, nessa época faziam uso das Cartilhas de ABC cuja ênfase recaía-se a “marcha sintética, ou soletração, fônico ou de silabação” (DIAS, 2015, p. 17), o que perdurou até os anos de 1980, onde passa a imperar os métodos sintético, analítico e suas variações, conforme apresentados na (tabela 1).

Tabela 1: Métodos Sintético e Analítico

MÉTODO	CATEGORIAS	TEORIA	ESPECIFICIDADES DO ENSINO	APRENDIZAGEM
Sintético	Alfabético ou soletração	Behaviorista	Sequencial, aprende-se todo o alfabeto, letras separadas, decorar todas as combinações silábicas.	Memorização e imitação
	Fônico	Behaviorista	Formato e som das vogais, consoantes, formando entre elas relações cada vez mais complexas. Todo grafema estudado como fonema que se juntando a outro compõe sílabas e palavras.	Simple para o complexo; Foco na relação som/letra.
	Silábico	Behaviorista	Apresenta-se para apresentar sílabas destacada das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas,	Simple para o complexo

			posteriormente, a partir destas, formam-se novas palavras e frases.	
Análítico	Palavração	Gestalt	A palavra é apresentada, geralmente acompanhada da imagem, a atenção é conduzida aos detalhes da palavra como sílabas, letras e sons.	Reconhecer a palavra pela figura associada e visualização gráfica das letras,
	Sentenciação	Gestalt	Utilizam-se frases curtas, que possuam significado completo e que apresentam uma sequência de dificuldades crescentes. Sequência: Frase – Palavra - Sílabas - Letra	Concepção, memorização e formação de palavras.
	Global	Gestalt	Faz-se um degrêde de pequenas histórias em partes cada vez menores: orações, expressões, palavras, sílabas. parte de pequenas histórias, letras de músicas etc., para chegar às palavras, sílabas e com estas sílabas desenvolver palavras.	Ler é descobrir o que está escrito; Uso de contos e histórias.

Fonte: Reis (2015).

A abordagem feita no ensino no processo de alfabetização tem como ponto de partida a letra ou sílaba até a palavra, levando os alunos a estabelecerem uma associação marcada por dois polos, de um lado os sinais gráficos, de outro, os sons e as articulações subsidiados pela repetição e pela escolha de palavras conhecidas e utilizadas pelas crianças. Em contrapartida, o método analítico se contrapõe ao sintético, parte o ensino da linguagem escrita, do modo “como se apresenta, ensina à criança palavras inteiras, textos com sentido completo, os quais são, depois, analisados, fragmentados, e, pela combinação destes fragmentos, se formam novos vocábulos” (CONÇALVES & JESUS, 2015, p. 35).

Soares (2004, p. 35) faz uma breve sintetização das mais elementares ideias que compõem a fundamentação da Psicogênese da língua escrita:

- 1) A criança não começa a aprender a escrita apenas quando entra para escola; desde que, em seu meio, ela entra em contato com a linguagem escrita, começa seu processo de aprendizado.
- 2) Esse aprendizado não consiste numa simples imitação mecânica da escrita utilizada por adultos, mas numa busca de compreender o que é a escrita e como funciona; é por essa razão que se diz que se trata de um aprendizado de natureza conceitual.
- 3) Na busca de compreensão da escrita, a criança faz perguntas e dá respostas a essas perguntas por meio de hipóteses baseadas na análise da linguagem escrita, na experimentação de modos de ler e de escrever, no contato ou na intervenção direta de adultos.
- 4) As hipóteses feitas pela criança se manifestam muitas vezes em suas tentativas de escrita (muitas vezes chamadas de escritas “espontâneas”) e, por isso, não são “erros”,



no sentido usual do termo, mas sim a expressão das respostas ou hipóteses que a criança elabora.

5) O desenvolvimento das hipóteses envolve construções progressivas, por meio das quais a criança amplia seu conhecimento sobre a escrita com base na reelaboração de hipóteses anteriores.

Na perspectiva construtivista, uma grande colaboração de adveio de Ferreiro (2001), que mediante diversos estudos desenvolveu uma teoria de alfabetização baseada em aspectos cognitivos, que não mais se ancoraram no aspecto indutivo do ensino, baseou-se nos pressupostos construtivistas defendidos por Vygotsky (1991). Tal abordagem, de acordo com a autora se embasa na concepção de que o aluno passa a ser agente motor na construção de sua aprendizagem, deixando de ser mero receptáculo de saber, atuando ativamente na concepção e ação sobre o mundo que o rodeia.

É possível perceber que em dado momento, há uma ênfase ao treinamento da escrita, imposto pelo ensino tradicional, no entanto observa-se que há uma importância atribuída por Vygotsky (1991), ao processo de aquisição da linguagem escrita, uma vez que esta pode desempenhar um papel essencial no que diz respeito ao desenvolvimento cultural do indivíduo. No entanto, refuta a ação da escola ao trabalhar a leitura apenas como forma de decodificação de letras, o que faz com o ato de ler e escrever se constituam de forma mecânica.

Uma crítica feita por esse pesquisador refere-se ao "treinamento" como imposição aos alunos, em que a abordagem da escrita não se encontra fundamentada no que se define como necessidade natural da criança, mas advêm de pessoas que estão em um parâmetro diferentes dessa. Isso decorre, em muitos casos, no uso de rótulos que acabam por levar ao fracasso escolar (FERREIRO, 2004).

Para Ferreiro (1993), hoje a perspectiva construtivista considera a interação de todos os alunos e adota uma visão política integral que visa explicar a aprendizagem. De acordo com a autora, o processo de ensino-aprendizagem deve ser visto como algo que necessita de uma sala heterogênea para que aconteça. Esses diferentes níveis são fatores essenciais para a interação e sendo está o ponto de partida da construção da aprendizagem deve ser levada em conta sempre, principalmente quando se fala em alfabetização, em que a aprendizagem da escrita deve ser vista a partir das diferenças individuais e de ritmo.

Deste modo, em detrimento de transformações nas abordagens teóricas, na prática pedagógica, na concepção de aluno que deixa de ser passiva para ser reconhecido como ativo, o processo de alfabetização, deixou de ter foco apenas na apropriação dos signos linguísticos e aderiu ao letramento, conceituado por Soares (2004):



[...] desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos (SOARES, 2004, p. 97).

A alfabetização e o letramento como processo educativo, objetiva propiciar aos alunos o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, processo no qual, reconhecem a utilidade destes atos e a constância ou frequência com que são utilizados nas mais diversas práticas “sociais”. Ambas as aprendizagens são indissociáveis, mantem uma interligação. Letramento é a capacidade de fazer uso natural em diferentes situações da aquisição dessa alfabetização, é nesse enfoque que a discussão se realiza no tópico subsequente.

2.1 Alfabetização enquanto processo: leitura e escrita uma ação social

A escola constitui um espaço privilegiado para a realização da aprendizagem de leitura, escrita e produção de texto, de forma que a tarefa do professor seja permeada por propostas didáticas eficientes, organizando, no cotidiano escolar, atividades significativas que provocam o interesse dos alunos e estimulam o raciocínio, a criatividade e o pensamento crítico.

É, em vista da necessidade de ressignificar o ensino da leitura e da escrita que o processo Alfabetização e letramento são temas que devem ser repensados no ambiente escolar, bem como no desenvolvimento da sociedade, onde, crianças, adolescentes ou adultos estão percorrendo essa etapa e caminhando nesse processo, para além de trabalhar valores e habilidades partindo do conhecimento de mundo dos alunos, é relevante que sejam trabalhadas atividades que favoreçam a apropriação dos conhecimentos necessários para que os alunos possam construir, desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, competência para se tornarem leitores autônomos e escritores proficientes.

Compreende-se, a partir de Soares (2003), que a alfabetização deve ser realizada através da aquisição da escrita e o domínio das habilidades de leitura dentro do mundo escolar. Posto isso, o letramento é a capacidade de fazer uso em diferentes situações da aquisição dessa alfabetização de maneira natural.

A alfabetização e o letramento estão interligadas e possuem características semelhantes, ambas têm como proposta o desenvolvimento da leitura e da escrita bem como na construção e aperfeiçoamento do sistema alfabético. Entende-se, baseando-se em Soares (2003, p. 97), que “alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever”, “alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”, implica em criar mecanismos para que os alunos



desenvolvam as habilidades necessárias para que façam uso contínuo destas aprendizagens, dentro e fora do espaço escolar em práticas sociais, a partir daí, é dada ênfase ao alfabetizar letrando.

Daí a importância de que esse processo seja uma experiência, ainda que marcada por complexidade, se torne prazerosa e possa fazer sentido para o aluno. Para que isso ocorra, se faz necessário eliminar da alfabetização e do letramento, metodologias cuja ênfase recai-se sobre uma perspectiva mecânica, onde os alunos estudam palavras soltas, sílabas isoladas, leem textos idiotas e repetitivos (CARVALHO, 2002, p. 11). Frente à existência de um legado de métodos tradicionais, que por vezes ainda insistem em prevalecer nas práticas de alfabetização de muitas escolas, de forma mecânica, descontextualizada, que não reconhece o aluno(a) como ser ativo, não se pode negar que, o processo de alfabetização tem atingido resultados, no entanto, para as crianças de uma era digital, a máxima qualidade do processo tem deixado a desejar ao levar em consideração percentual de crianças que estão progredindo para séries seguintes sem saber ler e escrever.

No entanto, avanços metodológicos foram impulsionados em face da existência das atuais teorias psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita que, sustentam a existência de dois processos diferentes, mas, que se auto influenciam. A alfabetização é conceituada como a aquisição do sistema convencional de escrita e o letramento - desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua (SOARES, 2003).

Nessa concepção teórico-metodológico Barbosa (1990, p. 7), diz que “o aprender a escrever é um ato que é acrescido ao aprender a ler, de tal modo que, ler agora se aprende escrevendo [...] assim, a alfabetização passa a ser concebida como o alicerce da escola básica e “a leitura/escrita, aprendizagem escolar.” Não se pode deixar uma criança que não apresente nenhum tipo de problema cognitivo, não aprenda pelo fato de não ter acompanhamento familiar, fator que muito contribui no processo, mas a ausência não deve ser um fator do não acontecer a aprendizagem. Sabe-se que uma sala de aula com número muito expressivo de alunos acarreta grandes dificuldades aos professores na articulação da aprendizagem, no atendimento individual, na atenção necessária. Contudo, novas formas de aprender coletivamente podem contribuir, trazer os alunos com melhor desenvolvimento para ajudar os demais pode além de favorecer conhecimento equânime, criar uma relação de solidariedade entre colegas.

Enquanto objeto de ensino, a mediação pedagógica da leitura e a escrita ao longo de um percurso histórico vieram acumulando resultados não muito satisfatórios principalmente



quando os índices de analfabetismos sempre se mantiveram elevados. A forma como é direcionado o seu ensino no decorrer das etapas da escolarização básica poder influenciar os múltiplos usos e fins na idade adulta. Se a ênfase for dada apenas à parte mecânica de ambos os atos, dificilmente os alunos perceberão a gama de possibilidades de significados inerentes à leitura e a escrita, tornando o ato de ler, um meio para fins restritos (COELHO, 2016).

A leitura é compreendida como “uma manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e colocado em forma de escrita.” (CAGLIARI, 2009, 136-137), é um meio pelo qual se tem a capacidade de utilizar o sistema alfabético de escrita para exprimir ideias, são atos que só acontecem de fato numa relação dialógica onde professores e alunos busquem vivenciar experiências que direcionem o encontro dos significados que o texto promove, numa situação pedagógica em que leitor e autor dialeticamente participam de forma ativa da construção de novos significados (OLIVEIRA, 2015). É fundamental que o professor compreenda isso, para que, em sala de aula, possa trabalhar textos de forma interativa, promovendo o diálogo, o debate, a dúvida e criação de novos textos, possibilitando, a troca de experiências e o trabalho de reflexão.

As tecnologias da comunicação e informação trazem consigo uma multiplicidade de informações que abrem percurso para a comunicação. Nessa perspectiva, considerando que o multiletramento parte de uma aprendizagem tanto da escrita verbal quanto da não verbal, há diversas expectativas de aprendizagem que podem ser contempladas nos mais diversos gêneros textuais e nas mídias digitais interativas - charges, gibis, tirinhas e tantas outras modalidades textuais (ROJO, 2012).

Os inúmeros tipos textuais trazem informações de caráter histórico, social, humorístico, matemático, geográfico, econômico, político, dentre outros, assim, compete aos professores elaborar aulas que leve os educandos a desenvolverem a análise, a reflexão, a crítica, a partir destes textos, de forma interdisciplinar colocando em prática a pedagogia do multiletramento.

O fato é que, a sociedade no contexto atual está inserida numa perspectiva multimodal onde a representação é um artefato indispensável do desenho da realidade social em que somente a leitura do texto oral nem sempre é satisfatória para a construção de significados. Nesse contexto do multiletramento e da multimodalidade o professor(a) deve exercer em sala de aula o papel de criador de atmosferas de aprendizagem, atuando como mediador e facilitador do processo de aprendizagem da leitura e do desenvolvimento intelectual, cognitivo, psicológico, motor, afetivo e social do aluno.

Moran (2013, p. 14), assevera que:



Estamos caminhando para uma nova fase de convergência e integração das mídias: tudo começa a integrar-se com tudo, a falar com tudo e com todos. Tudo pode ser divulgado em alguma mídia. Todos podem ser produtores e consumidores de informação. A digitalização traz a multiplicação de possibilidades de escolha, de interação. A mobilidade e a virtualização nos libertam dos espaços e dos tempos rígidos, previsíveis, determinados.

Nesse sentido, a formação da competência leitora e escritora, perante os desafios que se impõe resultante do multiletramento e da multimodalidade, colocam para os professores que atuam com o ensino com a alfabetização, o desafio de contribuir para com a formação da competência leitora empregando textos multimodais. Já não há espaço que alfabetização cujo enfoque ocorra centrado somente na leitura, ou na escrita, ou ainda de modo descontextualizado das práticas sociais.

Alfabetizar letrando de acordo com Santos (2014):

[...] significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de texto (SANTOS, 2014, p. 08).

Pressupõe a ruptura com tradicionais em face da adesão de métodos mais coerentes, mais eficazes, que explore os recursos multimodais ou as múltiplas linguagens existentes sendo: espacial, visual, oral, gestos, escrita, entre outras, tão presente e tão utilizadas em diversos espaços e situações do cotidiano da sociedade (DIONÍSIO, 2007).

Considerando essa realidade que a escola não pode se ver alheia à mesma, devendo preparar o indivíduo para se inserir, se posicionar e nela intervir uma realidade multifacetada em que aprender a ler a ler e escrever as configuram como condição necessária, será empreendida uma análise dos procedimentos metodológicos utilizados no ensino da leitura e da escrita.

2.2 Como eu aprendo ler e escrever? Análises de procedimentos metodológicos adotados nos anos iniciais.

As crianças devem escrever sempre, mesmo quando a escrita parecer apenas rabiscos, devem fazer leituras contínuas, ainda que inicialmente sua leitura se baseie apenas em hipóteses, ler e escrever, são aprendizagens que acontecem de forma gradual, até se chegar ao nível de proficiência (VYGOTSKY, 1988). Ambos os processos não são processos mecânicos,



cabendo ao professor dos anos iniciais, assumir o compromisso de prover estratégias para que a leitura e a escrita possam ir alavancando-se de um nível mais baixo para um mais avançado, possibilitando o desenvolvimento das habilidades inerentes tanto ao ler quanto ao escrever, pois, estas são indispensáveis.

No tocante ao modo como os alunos aprendem a ler e a escrever, há aqui uma articulação direta como o método, as estratégias e os recursos utilizados pelos professores em sala de aula. Nessa perspectiva, Carvalho (2010, p. 45) nos mostra que bons resultados na alfabetização podem ser colhidos quando o professor busca “ensinar as relações letras-sons de formas sistemáticas, mas não com rigidez, evitando que o ensino fique excessivo centrado na decodificação”.

Freire (1999) chama a atenção para que se atente para a escolha de um método ou de outro sinalizando que métodos inadequados ou mal utilizados tendem a influenciar no fracasso escolar.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1999, p. 9).

Nesse sentido, o desenvolvimento da leitura de um texto começa antes do seu contato direto com o aluno. A partir desse entendimento, por um lado, pode-se compreender que, o professor alfabetizador é de fundamental importância, e que, sem a sua presença, a aprendizagem da leitura e da escrita não acontece de forma suficiente. Mas, por outro, é fundamental também, que o educador compreenda que ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, todavia se alonga à produção de condições em que aprender criticamente é possível, exigindo a presença de professores e alunos criativos, investigadores e inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes, pois, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2002, p. 12).

A atuação do professor pode se tornar um diferencial quando este adota uma postura favorável à leitura e a escrita, inovando o método, as técnicas e estratégias de ensino, já que, há vários métodos para se alfabetizar. Ferreiro (2011) pontua a existência de métodos distintos para se alfabetizar e letrar - processos alfabético, fônico e silábico, onde se baseiam na compreensão do sistema de escrita, que analisa a relação entre a fala e sua representação escrita, que se junta para formar um todo.

Nos anos iniciais, os professores podem melhorar a suas práticas desenvolvendo um trabalho que venha priorizar como unidade a palavra, frases ou texto e pressupõem que a



aprendizagem da linguagem oral e escrita seja desenvolvida através da identificação visual da palavra (FREIRE, 1999, p. 21). Dessa forma, o professor pode utilizar os métodos que contribuem de uma forma ou de outra, para o processo de alfabetização.

De acordo Passarelli (2000, p. 60) são:

[...] métodos que estimularão atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder a sistematização lógica dos conhecimentos, sob sua ordenação e graduação para efeitos do processo de transmissão – assimilação dos conteúdos cognitivos (PASSARELLI, 2000, p. 60).

No contexto da citação cabe ressaltar que uma dessas propostas, que pode ser utilizada com o intuito de aproximar a leitura e escrita das demais áreas do conhecimento. Esses métodos propiciam o diálogo entre os saberes, possibilitando que o processo de adaptação e ensino desta criança para assim promover o seu rendimento escolar de forma mais significativa, permitindo aplicar métodos de alfabetização que facilitem o ensino da leitura e escrita (MOLL, 2009).

Morais (2012) defende que a alfabetização mesmo sendo realizada no sistema alfabético precisa ser realizada de forma diferenciada e contextualizada. É preciso alfabetizar letrando, isto é, praticando a leitura e produção de textos reais na construção do conhecimento, interagindo dentro do ambiente escolar com todos os alunos, procurando garantir a heterogeneidade e o desenvolvimento das habilidades multidimensionais dos mesmos.

Em contribuição com a discussão anterior, Almeida (2011) considera que os professores devem analisar cada conteúdo a ser repassado a criança, pois a fase de alfabetização já abre caminho para o letramento, fator que indica gerar no aluno o gosto pela leitura, fazendo com que o processo educativo se torne um importante recurso para promover metodologias que beneficiem e facilitem esta ação. Essa formação inicia-se desde os anos iniciais do Ensino Fundamental por ser importante que o aluno, desde as primeiras aprendizagens, perceba a sua condição de sujeito social e, com isto, possa ter condições de manter uma postura ativa no processo de ensino (TEBEROSKY, 2001).

Hoje atuar como professores, ou melhor, “ser educador”, é constantemente buscar conhecimentos para propor metodologias eficazes na leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mediante o exposto é importante ressaltar a forma como o ensino nos anos iniciais necessita de uma prática pedagógica, em especial, que venha desenvolver algumas habilidades básicas como: domínio de conteúdos, sabedoria para trabalhar em grupo, executar trabalhos articulados com as diversas áreas do conhecimento, planejar, executar e avaliar o



trabalho; inovar usando recursos tecnológicos e ainda propor mudanças que venham de encontro com os anseios educacionais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como ponto de reflexão o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, necessita ser repensado, em especial, a partir dos fatores de escolaridade “Ler e Escrever”. Em todo o seu contexto o trabalho com metodologias diversificadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no processo de ensinar a ler e escrever, deve ser realizado com diversas disciplinas, podendo e possuindo uma boa didática, fazendo com que seus alunos aprendam com excelência. É preciso aproveitar essa característica do Ensino Fundamental em favor de uma educação mais dinâmica.

Com o decorrer dos anos, surgiram diferentes metodologias adotadas por professores de anos iniciais no processo de ensinar a ler e escrever. Dentro dessa perspectiva surgem as várias formas de expressar o conhecimento, não somente se deter na linguagem oral ou escrita, mas oferecer condições específicas dos alunos que apresentam dificuldades ou não conseguem aprender a ler e escrever nos três primeiros anos de escolaridade.

Ficou ratificado que a alfabetização e o processo de letramento andam de mãos dadas, é necessário despertar na criança a paixão pela leitura, escrever com segurança sem medo de fazer suposições de escrita, e ser proporcionado pelo professor no dia a dia da criança, levando em consideração seus interesses.

Nesse contexto, a alfabetização e o letramento obviamente não são tarefas fáceis, pois exigem dos educadores experiências diferenciadas no processo de ensino, o que torna mais fácil para os alunos absorver melhor o conteúdo e aprender com mais facilidade, pois, por exemplo, O conteúdo, e até as histórias que serão entregues aos alunos devem ser de forma divertida, pois assim as crianças vão viajar por mundos imaginários, ampliando assim seu vocabulário e melhorando as habilidades de leitura, além do desenvolvimento cognitivo.

Atividades diferenciadas desenvolvidas no trabalho com a alfabetização constituem um mecanismo que possibilita o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, favorecendo tanto nas atividades educacionais e quanto nas sociais, resultando em uma mediação do professor(a) que garante êxito no processo de ensino-aprendizagem.

Certamente, não existem métodos prontos de alfabetização e letramento, e nenhuma tecnologia infalível, mas os alfabetizadores devem adicionar novos métodos para facilitar o



processo de ensino e aprendizagem. Para ser alfabetizada, a criança precisa entender a função do sistema alfabético, o que não é uma tarefa fácil, pois requer pedagogias e metodologias que facilitem o processo.

Recomenda-se também, que todo profissional de ensino não pode deixar de melhorar, criar caminhos que possibilitem a riqueza do ensino e da aprendizagem. Os alfabetizadores precisam primeiro de amor, paciência e domínio da profissão, pois a criança só aprenderá quando perceber que a profissão está disposta e, ao mesmo tempo, ensiná-la com amor.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

_____. **Práticas de alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental- língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental, 1998.

_____. CNE/CEB. **Parecer nº. 24/2004**. Brasília/DF: Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica, 15 de setembro de 2004.

_____. Secretaria da Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Organização de J. Beauchamp, S. D. Pagel, A. R. do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Indicadores de qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Câmara de Educação Básica – MEC/CNE/CEB, 2010.

_____. Secretaria de Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. Ed. Scipione. São Paulo. 1998.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo, SP: Ática, 2002.

_____. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.



COELHO, Izac Trindade. **Pedagogia histórico-crítica e alfabetização**: elementos para uma perspectiva histórico-crítica do ensino da leitura e da escrita. 2016. 116 p. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara/SP, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138222/coelho_it_me_arafcl.pdf?sequencia=3&isAllowed=y

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**, 4ª Ed. Tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes; retradução e cortejo de textos Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2001

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 29. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 33º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

OLIVEIRA, E. L. **Os saberes pedagógicos e o modelo de docência veiculados pela revista Nova Escola**. (1998 – 2002). Dissertação [Mestrado em Educação]. Faculdade de Educação – Universidade São Paulo, 2007.

Oliveira, Valéria Marques de. **Interação entre o texto e o leitor [manuscrito]**: como se comporta o leitor na construção dos sentidos do texto no instante da recepção / Valéria Marques de Oliveira – Goiânia, 2015. 147 f. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3234/1/VALERIA%20MARQUES%20DE%20OLIVEIRA.pdf>

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. **Ensinando a escrita**: o processual e o lúdico. São Paulo: Editora Olho d’água, 2000.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na Escola**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.



ROJO, Roxane H. R.; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda B. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. 1986--1 934. V741L **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem** / Lev Semenovitch Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução Mana da Penha Villalobos. --- São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.